EDITORA
UnB

EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIÁLOGO

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Etienne Baldez
Monique Aparecida Voltarelli
(org.)

Pesquisa, Inovação & Ousadia

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Educação infantil em diálogo

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Etienne Baldez
Monique Aparecida Voltarelli
(org.)

Pesquisa, Inovação & Ousadia

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultora de produção editorial	Percio Savio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Denise Pimenta de Oliveira
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Caio Martins Lopes
Diagramação	Beatriz Parente Barreto de Abreu
Foto de capa	Tatiana Syrikova via Pexels.com

© 2023 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

E24 Educação infantil em diálogo [recurso eletrônico] : pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância / Etienne Baldez, Monique Aparecida Voltarelli, organizadoras. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
227 p. – (Série Pesquisa, Inovação & Ousadia).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-248-4.

1. Educação infantil - Aspectos sociais. 2. Práticas de ensino. I. Barbosa, Etienne Baldez Louzada (org.). II. Voltarelli, Monique Aparecida (org.). III. Título. IV. Série.

CDU 373

Fernanda Cordeiro de Carvalho – Bibliotecária – CRB 1/2339

Pensar as crianças no tempo presente tem sido um desafio, e requer cada vez mais perguntar "quais lugares que as crianças têm ocupado na sociedade, em especial dentro das instituições de educação infantil?", no intuito de pôr em pauta a forma como travamos relações e como construímos práticas educativas com as crianças. Desse modo, dedicamos esta obra a todos profissionais, estudiosos/as, pesquisadores/as da infância, que, assim como nós, têm se preocupado em construir percepções amplas sobre a infância, trocando lentes e olhares anteriores por indagações, incômodos e buscas constantes de aperfeiçoamento nas formas como educamos as nossas crianças.

Dedicamos, em especial, às crianças, que nos ensinam diariamente a nos reinventar, a resistir, a sermos singulares e resgatar nossas potências, nossa ludicidade e nossa esperança por dias melhores, sempre. A todas as crianças que nos inspiram a caminhar e a seguir investindo esforços investigativos para compreendê-las, conhecê-las e aprender com elas formas outras de ver o mundo. Tudo que aqui foi analisado, estudado e refletido não faria sentido se não fosse por elas.

Agradecimentos

A organização e escrita de um livro é resultado de relações que estabelecemos com diversos cenários sociais em que estamos inseridas, com os nossos pares, com o meio acadêmico e com tantas pessoas, espaços, leituras e experiências que configuram nossas trajetórias e vão tecendo construções que carregam nossas compreensões e lutas. Nesse sentido, agradecemos imensamente e carinhosamente a cada autor e autora desta obra, que não mediram esforços para que pudéssemos compor esses diálogos sobre a infância, e que resultam, ainda, de relações que nós organizadoras tivemos a oportunidade de construir nos nossos últimos anos de atuação profissional e por meio das nossas trajetórias de pesquisa.

Propor e concretizar a publicação de um livro é por nós visto e compreendido como um momento de celebração, em forma de abertura e também ponto de partida para revistarmos saberes, para a construção de outros e para seguir investigando. Assim como as crianças, desde o nascimento, nos inspiram para a possibilidade do novo, que possamos por meio desta obra transitar entre as palavras, tropeçar nas construções propostas, brincar com as ideias, desconstruir e construir percepções e, principalmente, compartilhar engajamentos que vislumbrem a efetivação dos direitos das crianças a viverem suas infâncias plurais.

Agradecemos também a todos que nos acompanharam nesse processo, que acreditaram nos possíveis e que inventam conosco outras formas de compreender as práticas educativas com as crianças.

Aos leitores, somos gratas pela confiança no nosso trabalho e os convidamos ao mergulho no conhecimento sobre os estudos da infância a serem explorados nas próximas páginas.

“Que nenhuma opinião seja uma convicção absoluta, imutável.
Que o dia de hoje seja sempre feito da soma das experiências de ontem,
enriquecidas das experiências de amanhã… Somente com essa condição
nosso trabalho nunca será monótono nem sem esperança.”
Janusz Korczak

Sumário

Prefácio 15

Apresentação 17

A educação infantil em pauta: perspectivas e diálogos

Interseccionalidade na área da educação infantil: conceito e ferramenta analítica para o desvelamento sobre infância(s) e as crianças 29
Ana Caroline Irineu
Catarina Moro

A organização do currículo da educação infantil em campos de experiência: o protagonismo das crianças em evidência 39
Rafaelli Norberto Grégio
Giane Lucelia Grotti

Quando o santo de casa não faz milagres: como melhorar a implementação de políticas educacionais a partir do envolvimento dos atores? 47
Cristiano Rogério Alcântara
Gabriela Spanghero Lotta

Saberes da infância e a formação dos profissionais da educação 57
Marcia Cristina Argenti

A especificidade da educação infantil referenciada pela coordenação pedagógica (Brasília, 2020-2022) 67
Débora de Souza Santos
Etienne Baldez

A dimensão moral da avaliação: estereótipos de gênero no contexto da educação infantil **79**
Viviane Fernandes Faria Pinto

Educação infantil e famílias no cenário da revisão de literatura 89
Nazareth Salutto
Maria Alice Barbosa dos Santos

O que dizem os materiais pedagógicos sobre avaliação? 99
Gabriela Scramingnon
Maria Fernanda Rezende Nunes
Marina Castro e Souza

Entre os desafios da proposição, o relato das práticas docentes com projetos na educação infantil (Brasília, 2022-2023) 113
Ligia Almeida Teixeira
Etienne Baldez

Estudos sociais da infância: olhares para a pesquisa para, com e sobre as crianças

Pressupostos teóricos da sociologia da infância nas pesquisas brasileiras 125
Lucas Ramos Martins
Ademilson de Sousa Soares

“De olho na fresta”: encontros da educação infantil com os estudos da infância **135**
Aline Buy dos Santos
Lisandra Ogg Gomes

Gênero e infância: em quais práticas sociais os meninos estão se engajando? **145**
Danielle Atta
Monique Aparecida Voltarelli

Interseccionalidades entre infância, gênero e raça na sociologia da infância brasileira **157**
Andrea Braga Moruzzi
Mayra Silva dos Santos
Vanessa Medianeira da Silva Flôres

Geografia e educação infantil: as crianças e suas relações espaço-temporais **169**
Ana Paula Batista Pina dos Santos
Maria Lídia Bueno Fernandes

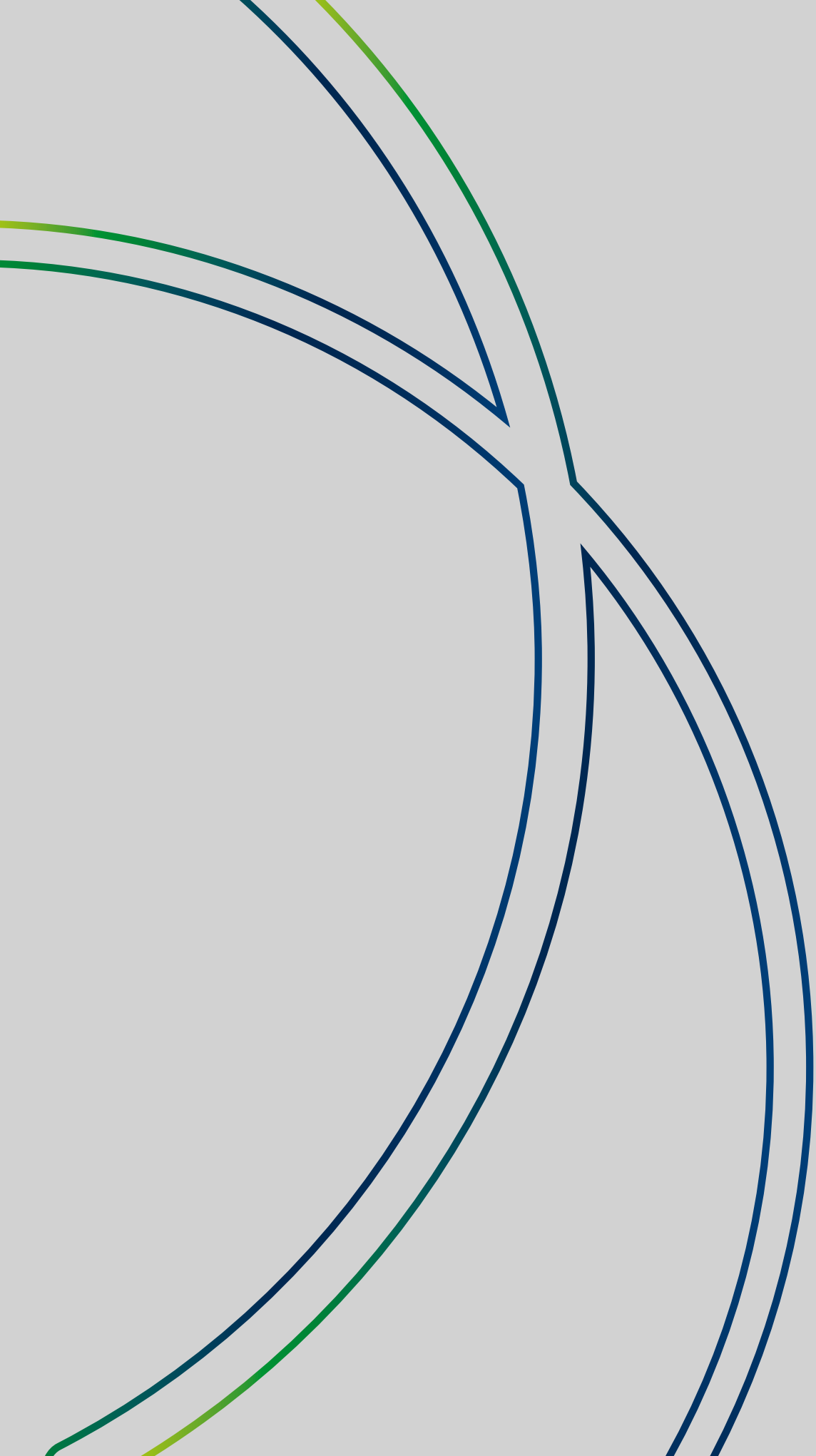
A infância brasileira em um cenário pandêmico **179**
Lara Batomarco Nobre
Laura Brisolara de Albuquerque
Monique Aparecida Voltarelli

Metodologias de pesquisa com crianças: uma experiência na cidade de Brasília **191**
Rhaisa Naiade Pael Farias
Ingrid Dittrich Wiggers

Estudos sociais da infância e migrações internacionais: análise das produções acadêmicas brasileiras do período de 2013-2023 **201**
Flávio Santiago
Taís Aparecida de Moura

Reflexões finais 213

Sobre os autores 217



Estudos sociais da infância: olhares para a pesquisa para, com e sobre as crianças

Metodologias de pesquisa com crianças: uma experiência na cidade de Brasília

Rhaisa Naiade Pael Farias
Ingrid Dittrich Wiggers

Introdução

O presente texto tem como objetivo descrever e sistematizar um processo metodológico de pesquisa com crianças enfocando suas experiências na cidade de Brasília. No campo dos estudos da infância, a atenção voltada para a temática da criança no espaço urbano é emergente, tanto por observarmos mais trabalhos sendo publicados quanto pela reivindicação da materialização do direito da criança à cidade.

Destacamos que a cidadania infantil extrapola o direito das crianças de serem protegidas de abusos e riscos. Engloba também seu direito de serem tratadas como "agentes morais por direito próprio" (Bell, 2008, tradução nossa), capazes de participar e opinar. A Convenção das Nações Unidas dos Direitos da Criança (CNUDC) de 1989 é o grande marco normativo para o reconhecimento das crianças como detentoras de direitos individuais e coletivos, independentemente de seu comportamento ou condição social.

Diante da perspectiva de ampliar a cidadania infantil e buscar a maior participação social das crianças, incluí-las como interlocutoras centrais em pesquisas torna-se um desafio. Nesse sentido, a proposição de metodologias de estudo pretende envolver as crianças na busca de respostas a um problema proposto, que não partiu delas.

Para contribuir com esse debate, nos apoiamos nos estudos contemporâneos da infância, buscando referências tanto no campo sociológico quanto antropológico. Partimos da premissa de que as crianças são capazes de desenvolver conceitos próprios e criar suas culturas (Hirshfeld, 2002). A seguir, expomos os pressupostos etnográficos que balizaram uma pesquisa desenvolvida com crianças em Brasília, bem como seu delineamento. Por fim, apresentamos nossas considerações.

Pressupostos etnográficos

Prout e James (1990) afirmam que a etnografia é um método particularmente útil para o estudo da infância, uma vez que envolve observações diretas em contexto e permite que o pesquisador esteja próximo das crianças e as encare como agentes que constroem sentido de seus mundos e vidas. Para tanto, lançamos mão de Geertz (1997), que, mesmo não estudando diretamente as crianças, problematizou a aproximação do pesquisador com seus interlocutores, questionando: "como conhecer a maneira como um nativo pensa, sente e percebe o mundo?" (Geertz, 1997, p. 86). Importante observar que para entender a opinião dos participantes da pesquisa não é preciso se tornar um deles, e nem seria possível que o pesquisador deixasse de lado suas concepções prévias para que tivesse um olhar neutro. É preciso articular aquilo que o outro sabe/vive (experiência distante) e o que o próprio pesquisador sabe/vive (experiência próxima) (Geertz,1997).

A experiência próxima seria aquela que o interlocutor da pesquisa utilizaria e que o pesquisador entenderia facilmente; são as concepções cujo significado e uso são elaborados no meio social que se pesquisa e que variam a depender do contexto. Já a experiência distante é aquela que o pesquisador utiliza para entender seu objeto científico; são conceitos que lançam mão em suas explicações. O importante é que o pesquisador não se limite a nenhuma dessas experiências, e sim ao

> que ele percebe, e mesmo assim com bastante insegurança, é o "com que", ou "por meios de que" ou "através de que" (ou seja lá qual for a expressão) os outros percebem (Geertz, 1997, p. 89).

Nesse sentido, o pesquisador, ao realizar uma pesquisa com crianças, deve entender que a infância pode ser tida como uma experiência próxima, uma vez que ele próprio já viveu esse período da vida e que ainda continua tendo acesso a crianças em diferentes espaços sociais, como na família ou na casa de amigos. Ao mesmo tempo, é preciso encarar a infância como uma experiência distante, em que se deve lançar um olhar científico para então dar explicações a partir do meio social e contextos estudados. O sentido para aquilo que está pesquisando com as crianças é de posse delas, e não do que o pesquisador sabe previamente. Essa atitude de respeito e curiosidade do pesquisador deve ser manifestada em uma postura ética no encontro com a experiência do outro, em um compromisso e disponibilidade de estar por inteiro durante a pesquisa (Cardoso de Oliveira, 2004).

Desenho da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida com quatro crianças entre nove e dez anos de idade, em duas etapas, no segundo semestre de 2017, em Brasília (Farias, 2022). Nessas etapas, foram

conjugadas técnicas clássicas e contemporâneas que geraram dados de naturezas distintas, mas que se complementaram, dando uma perspectiva mais ampla do contexto de vida das crianças.

Na primeira etapa, uma das autoras deste texto realizou a observação participante dos deslocamentos pela cidade de cada uma das quatro crianças participantes, uma por vez, durante o período de uma semana (segunda a domingo). Justifica-se que o período de sete dias caracteriza um ponto de equilíbrio para entender as variações e constâncias das rotinas infantis, bem como as demandas logísticas da pesquisa e da pesquisadora ao mesmo tempo. Nesse período, a pesquisadora produziu notas de campo (NC) e ativou em seu aparelho Android o histórico de localização do Google para criar uma linha do tempo, o que produziu mapas dos trajetos realizados (posteriormente manipulados para exibição no programa Google Earth). Ainda durante essa mesma semana, a criança foi convidada a filmar com uma câmera portátil um ou mais dos percursos.

Assim, após uma semana de observação participante tínhamos em mãos as NC, os mapas dos trajetos com tempos e distâncias percorridos indicados pelo recurso da linha do tempo do Google e os vídeos dos percursos realizados por cada um dos participantes. Esse material foi visto, lido, relido e tratado para subsidiar a segunda etapa da pesquisa, que consistiu em uma entrevista com *photo-elicitation* e a construção de um *online participatory mapping*. Essa etapa foi audiogravada e realizada com o auxílio do aplicativo de pré-visualização de imagens e do Google Earth.

A partir das NC, elaboramos um roteiro de perguntas a respeito dos lugares frequentados pelas crianças, pedimos que sugerissem melhorias para a cidade e que comentassem sobre questões que observamos durante os percursos. As perguntas foram realizadas à medida que cinco imagens (capturas de tela) retiradas do próprio vídeo que as crianças filmaram eram mostradas. Durante a entrevista com *photo-elicitation*, os mapas dos percursos realizados e a relação das distâncias e tempos gastos nos percursos também foram apresentados. Desse modo, as imagens, tanto do vídeo quanto dos mapas, serviram como elementos catalisadores da conversa. As imagens foram exibidas em um notebook por meio de um aplicativo de pré-visualização. Salientamos que as narrativas das crianças durante a entrevista são encaradas como uma chave para compreender suas opiniões, preferências, concepções e percepções, e não para averiguar informações ou contrastar com o que foi vivido durante a primeira semana da pesquisa.

Feita a exploração do material iconográfico, as crianças foram convidadas a produzir *online participatory mapping* por meio da manipulação do aplicativo Google Earth. O programa foi utilizado também em um notebook e conectado à rede wi-fi da casa da família. As crianças receberam instruções básicas de como o aplicativo funcionava, testaram esse aplicativo e, na sequência, foram instruídos a marcar no mapa os espaços que gostavam, os que não gostavam e os que gostariam de conhecer. A seguir, descrevemos detalhadamente cada uma das técnicas utilizadas.

Observação participante

A observação participante ocupa um lugar central no método de investigação etnográfico. Segundo Cardoso de Oliveira (2000), pressupõe-se "disciplinamento" teórico no olhar e no ouvir enquanto modos para perceber o outro, e no escrever para a materialização em linguagem do conhecimento construído. Para o autor, o olhar em campo não está "nu", há uma "lente", que são as teorias estudadas anteriormente à ida ao campo, por isso o olhar para o objeto não é mais um olhar ingênuo, mas sensibilizado, envolvido pela teoria (Cardoso de Oliveira, 2000). O observado passa a informar sobre o lugar, as ações que nele se desencadeiam e quem são os que participam das ações, tendo como referência o que já foi tratado na literatura.

Quanto ao ouvir, Cardoso de Oliveira (2000) destaca essa como uma ação complementar ao olhar, que ajuda o pesquisador a prosseguir na compreensão dos sentidos que determinado grupo estabelece. O exercício de ouvir permite ao pesquisador um outro tipo de aproximação, o de conhecer as ideias expressas oralmente, e que sustentam as ações desenvolvidas pelo grupo. Talvez a etapa de olhar sem a de ouvir não fosse suficiente para apreendermos inteiramente os sentidos.

O pesquisador precisa, ainda, ter em campo uma postura aberta ao outro, o que pressupõe uma condição de participante. Cardoso de Oliveira (1993) explica que o significado de

> participação é aquele que enfatiza a necessidade do [pesquisador] de colocar suas pré-concepções em risco, expondo-se a ideias estranhas e a interpretações alternativas, sem que este processo implique numa aceitação ingênua, sem questionamentos, do ponto de vista nativo (Cardoso de Oliveira, 1993, p. 77).

E é por meio da aceitação e participação que se pode partir para as análises.

Somente a observação das situações vivenciadas em campo não é suficiente, é preciso, como destaca Cardoso de Oliveira (2000), escrever sobre o observado. Emerson, Fretz e Shaw (1995) afirmam que as notas de campo servem como um recurso para preservar o que foi vivenciado com os interlocutores e, posteriormente, para aprofundar as análises e compreensões dessas experiências. Nesta pesquisa, as notas de campo foram realizadas diariamente logo após a vivência da experiência junto aos interlocutores. Todas as notas foram posteriormente digitalizadas, para facilitar o processo de sua análise.

Rastreamento com GPS dos percursos das crianças

O Sistema de Posicionamento Global (GPS) é um sistema de navegação baseado em satélite que pode gravar dados de localização e medir distâncias, produzindo uma trilha ordenada de movimentos que permite uma visão geral do uso do espaço e do tempo envolvidos em trajetos.

Segundo Jarvis, Kraftl e Dickie (2017), é possível perceber que a utilização de GPS em pesquisas que envolvem crianças vem crescendo desde meados dos anos 2000, nas mais diferentes áreas, como, saúde, geografia, mobilidade e estudos interdisciplinares.

Essas pesquisas estão relacionadas, entre outros temas, à mobilidade independente das crianças (O'Brien *et al*., 2000; Christensen *et al*., 2011) e a indicadores de comportamentos saudáveis e estilos de vida (Mackett *et al*., 2007; Telford *et al*., 2005).

No caso desta pesquisa, o rastreamento dos deslocamentos das crianças foi realizado por meio da ativação, no aparelho celular Android, do histórico de localização do Google Maps, criando, assim, uma linha do tempo. Esse recurso do Google Maps desempenha a mesma função de GPS, ou seja, é um sistema de navegação baseado em satélite que registra dados de localização e mede distâncias, produzindo uma trilha sistemática de movimentos.

A ideia de mapear os trajetos infantis utilizando as funções do GPS advém das discussões de Christensen *et al.* (2011), que assinalam os benefícios de se conjugar dados espaciais de deslocamento precisos a dados qualitativos que tratam a respeito dos contextos geográficos, sociais, materiais e culturais das crianças, portanto, a ênfase não está nos traços que o GPS gerou nos mapas, e sim nas experiências vividas durante esses deslocamentos.

Produção de vídeo pelas crianças

A produção de vídeo pelas crianças é um procedimento no qual elas recebem acesso a um equipamento de gravação de vídeo e explicações de como podem utilizá-lo para documentar um aspecto de suas vidas. Cutter-Mackenziea, Edwardsb e Quintona (2015) evidenciam que a produção de dados a partir de vídeos não é uma nova abordagem de pesquisa e tem sido utilizada em diferentes áreas.

Nesta pesquisa, a produção de vídeo pelas crianças teve o objetivo de aumentar sua participação na geração de dados e produzir imagens que posteriormente seriam utilizadas em uma entrevista com *photo-elicitation*. Nesse sentido, o propósito de convidar as crianças a filmarem não foi de realizar a análise direta dos vídeos gravados, mas sim revisitar o momento vivido na busca de cenas que pudessem elucidar uma conversa para aprofundar a perspectiva das crianças sobre suas experiências na cidade.

Para a produção do vídeo, foi disponibilizada uma câmera portátil GoPro. A câmera poderia ser acoplada em diferentes tipos de suporte, em um colete, capacete, bastão ou presa ao guidão da bicicleta. Previamente à filmagem, o equipamento foi apresentado aos meninos e meninas, que puderam manuseá-lo e testá-lo com a realização de breves vídeos.

Entrevista com photo-elicitation

A *photo-elicitation* é um procedimento de entrevista que utiliza imagens como suporte para expandir as perguntas e facilitar a comunicação entre pesquisador e interlocutor (Banks, 2009; Farias, 2017). As imagens podem ser compreendidas como um instrumento mais acessível ao entendimento humano, uma vez que permitem interpretações pessoais. Segundo Weller e Bassalo (2011),

> mais do que as palavras, as imagens produzem sentimentos, identificação, favorecem lembranças, disparam a imaginação, a introspecção, entendimentos, anunciam ou denunciam uma realidade, evocam memórias pessoais e visões de mundo (Weller; Bassalo, 2011, p. 284).

Atualmente a utilização de imagens em pesquisas que se interessam pela vida e pelas experiências das crianças tem se tornado popular. Wagner (1999) afirma que esse fato se dá, em parte, porque as próprias crianças se interessam por imagens e gostam de trabalhar com ferramentas visuais e mídias. Thomson (2008) sinaliza que as pesquisas que lançam mão de imagens, especialmente aquelas em que crianças e jovens produzem artefatos visuais no processo da pesquisa, oportunizam um novo significado para o envolvimento delas como produtoras de conhecimento.

Cabe ainda ressaltar que, para Cardoso de Oliveira (2000), a entrevista é outro momento importante de ouvir os interlocutores da pesquisa, é quando se pode também obter explicações em um momento "de um ouvir todo especial. Contudo, para isso, há de se saber ouvir" (Cardoso de Oliveira; 2000). Mais uma vez, salientamos que o saber ouvir refere-se ao cuidado com o outro, com a preparação teórica para estar com ele.

Dentre as muitas complexidades em entrevistas estão as diferenças linguísticas entre pesquisador e entrevistado e a relação de poder entre eles. Em vista disso, buscamos nesta pesquisa criar condições para um diálogo, dando abertura para as crianças falarem e as ouvindo com atenção. Ademais, as imagens utilizadas para a entrevista com *photo-elicitation* foram oriundas dos vídeos produzidos pelos próprios interlocutores. Assim, a entrevista com *photo-elicitation* serviu o propósito de ter um momento designado para uma conversa com as crianças, em que seria possível complementar informações.

Online participatory mapping

O *online participatory mapping* é um procedimento de pesquisa que procura envolver grupos na elaboração de mapas que tenham temas relevantes para o seu cotidiano. Nesse sentido, propicia a maior participação desses interlocutores e é realizado por meio de uma plataforma conectada à internet.

A construção de mapas pelas crianças é popular nos estudos do campo da geografia da infância, e envolve diferentes técnicas, como mapas mentais, construção de mapas com blocos, desenhos de mapas etc. (Blaut *et al*., 2003; Farias, 2017). Com a proliferação e o acesso aos recursos tecnológicos, Danby *et al*. (2018) sugerem que a tecnologia digital está cada vez mais presente na vida das crianças e deve, portanto, ser utilizada em pesquisas que as envolvam.

No que tange às pesquisas que envolvem mapeamentos feitos pelas crianças, as tecnologias digitais já vêm sendo incorporadas, como no caso do trabalho de Freeman *et al*. (2016), que, em um primeiro momento, convidaram as crianças para desenhar um mapa em um papel e, em seguida, as entrevistaram sobre seus mapas. Ao fim, elas puderam

fazer seus próprios mapas usando um programa no computador, marcando seus locais especiais nos bairros em que moravam.

No caso desta pesquisa, a proposta do *online participatory mapping* advém do estudo de Danby *et al*. (2016), que propôs que as crianças manipulassem tecnologias para explorar o mundo real por meio do virtual, utilizando o programa Google Earth. Assim, foram capazes de criar mapas que expressavam sentimentos, experiências, percepções e ideias em relação a diferentes lugares da cidade.

O Google Earth é um programa online que funciona como um globo virtual que exibe informações de localização, formações geográficas naturais e, também, formações construídas através da atividade humana. O programa oferece o recurso de ampliar e reduzir a perspectiva sobre os locais escolhidos para visualização, o que significa que as perspectivas da Terra podem ser vistas a partir de grande e pequena escala, possibilitando, ainda, a visualização de imagens da rua, com o Street View, e a sinalização no mapa, com pins, polígonos e trajetos. As imagens vistas na opção do Street View do Google Earth também estão disponíveis no aplicativo Google Maps online.

Considerações finais

Na pesquisa com as crianças é preciso minimizar a relação de poder entre pesquisador e interlocutor, reconhecendo as capacidades infantis de participar e se expressar. Assim, lançar mão de diferentes metodologias e técnicas nesta pesquisa possibilitou superarmos as limitações de cada uma delas e, consequentemente, o entrelaçamento dos dados gerados ampliou a visão do objeto de interesse.

A decisão de acompanhar as crianças em seus deslocamentos cotidianos durante uma semana traz um caráter inovador para a presente pesquisa, uma vez que possibilitou observação, experiência e registro em tempo real de relações sociais e caminhos percorridos. A ação propiciou a familiarização com os contextos dos interlocutores da pesquisa e gerou a oportunidade de desenvolver um relacionamento com essas crianças e seus familiares, com quem foi possível também ter momentos de conversas informais, além de conhecer por onde andavam, como andavam, o tempo gasto em cada percurso, nos espaços frequentados, e, acima de tudo, proporcionou criar vínculos de respeito e confiabilidade com os interlocutores.

Desse modo, assim como indicado em trabalhos mais recentes na antropologia da infância (Cohn, 2005; Pires, 2007; Souza, 2014), partimos do pressuposto de que a vida de meninos e meninas envolve um contexto mais amplo, em que fatores culturais, socioespaciais, entre outros integram-se de maneira indissociável, por isso não podemos deixar de levar em consideração suas relações com seus pares e com adultos. Segundo Souza (2014):

> […] a infância não é uma espécie de universo paralelo, de mundo ou cultura à parte daqueles dos adultos […] os mundos das crianças e dos adultos estão imbricados de maneira que não há como analisar um lado apenas dessa mesma moeda (Souza, 2014, p. 27).

Enquanto limites da metodologia adotada, apontamos a escassez de registros dos percursos das crianças durante o final de semana. No sábado e domingo, as famílias desenvolveram mais atividades no âmbito da esfera privada e, por isso, não convidaram a pesquisadora a acompanhar os percursos realizados. Quanto à técnica da entrevista com *photo-elicitation*, destacamos que, embora tenhamos notado o interesse e motivação das crianças em falar com a pesquisadora e participar da pesquisa, em alguns momentos elas ofereceram respostas curtas em que concordavam ou discordavam das perguntas apenas com sons ou poucas palavras, como "uhum", "é" e "não". No momento de manuseio do programa Google Earth, notamos ainda que o tempo disponível não foi suficiente, uma vez que as crianças já haviam feito a entrevista com *photo-elicitation* e tinham outros compromissos no dia.

Portanto, a pesquisa apresentada tem caráter inovador e complexo em seu desenho metodológico. Sugerimos que futuras investigações sobre as crianças e a cidade considerem também metodologias e instrumentos mistos, permitindo a observação direta dos contextos infantis, mas também a expressão dos pensamentos infantis a partir de outras linguagens para além da linguagem verbal.

Referências

BANKS, M. *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BLAUT, J. M. *et al*. Mapping as a cultural and cognitive universal. *Association of American Geographers*, v. 93, n. 1, p. 165-185, 2003. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1111/1467-8306.93111. Acesso em: 5 mai. 2024.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. A vocação crítica da antropologia. *Anuário Antropológico*, n. 90, p. 67-81, 1993. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6441/7598. Acesso em: 5 mai. 2024.

CARDOSO DE OLIVEIRA, L. R. Pesquisa em versus pesquisas com seres humanos. *In:* VÍCTORA, C. *et al* (org.). *Antropologia e ética*: o debate atual no Brasil. Niterói: Editora UFF, 2004.

CHRISTENSEN, P. *et al*. Children, mobility, and space: using GPS and mobile phone technologies in ethnographic research. *Journal of Mixed Methods Research*, v. 5, n. 3, p. 227-246, 2011. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1558689811406121. Acesso em: 5 mai. 2024.

COHN, C. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DANBY, S. *et al*. 'Let's see if you can see me': making connections with Google Earth in a preschool classroom. *Children's Geographies*, v. 14, n. 2, p. 141-157, 2016. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14733285.2015.1126231. Acesso em: 5 mai. 2024.

DANBY, S. *et al*. Digital childhoods across contexts and countries. *In:* DANBY, S. *et al*. (org.). *Digital childhoods technologies and children's everyday lives*. Singapura: Springer, 2018.

FARIAS, R. N. P.; MÜLLER, F. A Cidade como Espaço da Infância. *Educação e Realidade*, v. 42, n. 1, p. 261-282, 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/edreal/a/6FSDtKhCPWkPPMdQzwGzSHn. Acesso em: 5 mai. 2024.

FARIAS, R. N. P; WELLER, W.; WIGGERS, I. D. Escalas infantis na cidade modernista: como crianças vivem e exploram Brasília. *Sociedade e Estado*, v. 37, p. 163-192, 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/se/a/3WdXScyjQBd38DLT9yKmXRH/. Acesso em: 5 mai. 2024.

FREEMAN, C. *et al*. Technological inroads into understanding city children's natural life-worlds. *Children's Geographies*, v. 14, n. 2, p. 158-74, 2016. Disponível em: https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/14733285.2015.1126552 /. Acesso em: 5 mai. 2024.

GEERTZ, C. *O saber local*: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

HIRSHFELD, L. Why don't anthropologists like children? *American Anthropologist*, n. 104, p. 611-627, 2002. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/684009. Acesso em: 5 mai. 2024.

JARVIS, C.; KRAFTL, P.; DICKIE, J. (Re)connecting spatial literacy with children's geographies: GPS, Google earth and children's everyday lives. *Geoforum*, v. 81, p. 22-31, 2017. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0016718517300301. Acesso em: 5 mai. 2024.

MACKETT, R. *et al*. Children's independent movement in the local environment. *Built Environment*, v. 33, n. 4, p. 454-468, 2007. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/23289819. Acesso em: 5 mai. 2024.

MASON, J.; DANBY, S. Children as experts in their lives: child inclusive research. *Child Indicators Research*, v. 4, n. 2, p. 185-89, 2011. Disponível em: https://link.springer.com/article/10.1007/s12187-011-9108-4. Acesso em: 5 mai. 2024.

MAYALL, B. Keeping healthy at home and school: it's my body, so it's my job. *Sociology of health and illness*, v. 15, n. 4, p. 464-487, 1993. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9566.1993.tb00356.x. Acesso em: 5 mai. 2024.

O'BRIEN, M. *et al*. Children's independent spatial mobility in the urban public realm. *Childhood*, v. 7, n. 3, p. 257-277, 2000. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/0907568200007003002. Acesso em: 5 mai. 2024.

PIRES, F. F. *Quem tem medo de mal-assombro*: religião e infância no semiárido nordestino. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

SOUZA, E. L. *Umbigos enterrados: corpo, pessoa e identidade*. Capuxu através da infância. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

TELFORD, A. *et al*. Quantifying and Characterizing Physical Activity among 5- to 6- and 10- to 12-Year-Old Children: The Children's Leisure Activities Study (CLASS). *Pediatric Exercise Science*, v. 17, n. 3, p. 266-280, 2005. Disponível em: https://journals.humankinetics.com/view/journals/pes/17/3/article-p266.xml. Acesso em: 5 mai. 2024.

THOMSON, P. Children and young people: voices in visual research. *In:* THOMSON, P. (org.). *Doing visual research with children and young people*. Londres: Routledge, 2008.

WAGNER, J. Editor's introduction. *Visual Sociology*, v. 14, n. 1, p. 3-6, 1999. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/25046688. Acesso em: 5 mai. 2024.

WELLER, W.; BASSALO, L. M. B. Imagens: documentos de visões de mundo. *Sociologias*, v. 13, n. 28, p. 284-314, 2011. Disponível em: https://www.scielo.br/j/soc/a/crRYw9qbfMwthQBNysVBzRg/?format=pdf&lang=pt. Acesso em: 5 mai. 2024.

Sobre as organizadoras

Etienne Baldez



Professora adjunta da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB), atuando como docente no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) e no Programa de Pós-graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi). Integra o Grupo de Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade de Brasília (Gruphe). Realiza estudos de história da infância e história da educação infantil no Brasil. E-mail: etienne.baldez@unb.br

Monique Aparecida Voltarelli



Professora adjunta da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP) da Universidade de Brasília (FE/UnB). Membro do Grupo de Sociología de la Infancia y la Adolescencia (GSIA) e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi) da Universidade de Brasília. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. Pós-doutorado sobre a participação infantil na América Latina pela Universidade de São Paulo (FEUSP) e em direitos das crianças pela Universidade de Ciências Aplicadas de Potsdam, Alemanha. Realiza estudos no campo dos estudos sociais da infância, pesquisando temas como participação infantil, direitos das crianças, educação infantil e infância na América Latina. Email: mvoltarelli@unb.br

Sobre os autores

Ademilson de Sousa Soares

Professor associado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) na graduação e pós-graduação. Graduado em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), com doutorado em educação pela UFMG e pós-doutorado em pesquisas sobre políticas para a educação infantil na PUC Minas. E-mail: pacosoares@ufmg.br.

Aline Buy dos Santos

Mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPEd/UERJ) e professora do Centro de Referência em Educação Infantil Realengo do Colégio Pedro II (Creir/CPII). E-mail: alinebuy2@gmail.com.

Ana Paula Batista Pina dos Santos

Mestre em educação na linha de pesquisa Escola, Aprendizagem, Ação Pedagógica e Subjetividade na Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB). Graduada em pedagogia pela UnB e em administração pela Universidade Paulista (Unip). Especializada em psicopedagogia pela Universidade Católica de Brasília (UCB) e em orientação educacional e vocacional pela Faculdade do Distrito Federal (FACDF). É membro do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento. Atua como coordenadora pedagógica da educação infantil do Colégio Marista João Paulo II, no Distrito Federal. E-mail: anapaulabatistapina@gmail.com.

Andrea Braga Moruzzi

Docente de graduação em pedagogia e de pós-graduação em educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Líder do grupo de pesquisa Infâncias e Feminismos (Infemis). Pesquisa sobre infância, sociologia da infância, gênero e feminismos. E-mail: marcia.argenti@unesp.br.

Catarina Moro

Professora associada do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (Nepie). Atua como editora chefe da Educar em Revista (UFPR). É bacharel e licenciada em psicologia, especialista em educação infantil, mestre em psicologia da infância e da adolescência e doutora em educação pela UFPR. Atua principalmente nos seguintes temas: práticas educativas para/com a pequena infância, avaliação de contexto e políticas públicas em educação infantil. E-mail: moro.catarina@gmail.com.

Cristiano Rogério Alcântara

Graduado em pedagogia em gestão escolar pelo Centro Universitário de Santo André (2004) e em letras – português e literaturas de língua portuguesa pela Universidade de Franca (2014). Mestre em ciência da informação e documentação pela Universidade de São Paulo (2009). Doutor em língua portuguesa (2015) e pós-doutor em psicologia da educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2022). E-mail: cralcantara@uol.com.br.

Danielle Atta

Mestre em educação pela Universidade de Brasília. Graduada em história e pedagogia e pós-graduada em políticas públicas, infância, juventude e diversidade e em educação infantil. Pedagoga e orientadora educacional na Secretaria de Educação do Distrito Federal. E-mail: danielleatta2@gmail.com.

Débora de Souza Santos

Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Mestre em educação na modalidade profissional pela Universidade de Brasília. Especialista em educação infantil na perspectiva histórico-cultural e graduada em pedagogia. E-mail: deborag7@hotmail.com.

Flávio Santiago

Pesquisador em nível de pós-doutorado na Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa Sociologia da Infância e Educação Infantil (Gepsi/USP) e no Grupo de Pesquisas e Estudos em Geografia da Infância (Grupegi). E-mail: santiagoflavio2206@gmail.com.

Gabriela Barreto da Silva Scramingnon

Professora adjunta do departamento de didática da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Doutora em educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC Rio, 2017). Mestre em educação pela Unirio (2011). Integrante do grupo de pesquisa Educação Infantil e Políticas Públicas (Eipp/Unirio). Integrante do grupo de pesquisa Infância, Formação e Cultura (Infoc/PUC Rio). E-mail: gabriela.scramingnon@unirio.br.

Gabriela Lotta

Professora e pesquisadora de administração pública e governo da Fundação Getulio Vargas (FGV). Doutora em ciência política pela Universidade de São Paulo (USP), mestra e graduada em administração pública pela FGV. Coordenadora do Núcleo de Estudos da Burocracia (NEB). Docente da Escola Nacional de Administração Pública (Enap). Pesquisadora do Centro de Estudos da Metrópole (CEM). Coordenadora da área temática Estado e Políticas Públicas da Associação Brasileira de Ciência Política (ABCP) e diretora da pesquisa da Associação Nacional de Ensino e Pesquisa do Campo de Públicas (Anep/CP). Email: gabriela.lotta@fgv.br.

Giane Lucelia Grotti

Doutora em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Especialista em metodologia do ensino pré-escolar e fundamental pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Pedagoga formada pelo Centro de Estudos Superiores de Londrina (Cesulon), atualmente Centro Universitário Filadélfia (Unifi). Coordenadora do curso de pós-graduação lato sensu em educação infantil e professora do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal do Acre. Atua na área de políticas e currículo para infância, educação infantil e história do atendimento à infância. E-mail: giane.grotti@ufac.br.

Ingrid Dittrich Wiggers

Doutora em educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora titular da Universidade de Brasília. Atua no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília. Líder do Imagem – Grupo de Pesquisa sobre Corpo e Educação. E-mail: ingridwiggers@gmail.com.

Lara Batomarco Nobre

Graduada em pedagogia pela Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (FE/UnB, 2023). Atualmente, é estudante de pós-graduação em psicopedagogia e neuroeducação, e

se especializa em psicanálise infantil na Associação Brasileira de Medicina Psicossomática (ABMP-DF). É membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Sobre os Estudos Sociais da Infância (Gepesi). Atua como auxiliar do desenvolvimento infantil no Ministério da Saúde. E-mail: nobrelara@hotmail.com.

Laura Brisolara de Albuquerque

Pedagoga pela Universidade de Brasília (UnB), pós-graduanda em alfabetização e letramento pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Sua pesquisa no Pibic-UnB foi sobre os impactos da pandemia da covid-19 na educação infantil. E-mail: laurabrisolara@gmail.com.

Lígia Almeida Teixeira

Graduada em pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal. Mestranda em educação na modalidade profissional (PPGE/UnB). E-mail: ligiateixeira11@gmail.com.

Lisandra Ogg Gomes

Professora associada da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-graduação em Educação (Proped) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj). Procientista na Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj) e na Uerj. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Território dos Estudos da Infância. E-mail: lisandraogg@yahoo.com.br.

Lucas Ramos Martins

Doutor e mestre em educação pelo Programa de Pós-graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social (PPGE) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Graduado em pedagogia pela mesma instituição. Integra o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (Nepei/UFMG). Atua como professor no Departamento de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg). E-mail: lucas.martins@uemg.br.

Marcia Cristina Argenti

Livre docente em estudos da infância na Universidade Estadual Paulista (Unesp), doutora e mestra em psicologia pela Universidade de São Paulo (USP) e pedagoga na Unesp. Pesquisadora e docente do Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Infância,

Família e Escolarização (Gepife). Docente no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar (acadêmico) e no Programa de Pós-graduação em Educação Sexual (profissional) da Unesp. Desenvolve atividades nas áreas temáticas da infância, família e escolarização. E-mail: marcia.argenti@unesp.br.

Maria Alice Barbosa dos Santos

Graduanda em pedagogia na Universidade Federal Fluminense (UFF). Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças (Gerar). Bolsista do Programa de Iniciação Científica da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Pibic/Faperj). E-mail: mariaalicebarbosadossantos@id.uff.br.

Maria Fernanda Rezende Nunes

Professora titular-livre em educação infantil do Departamento de Didática e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Tem experiência na área de educação, com ênfase em educação infantil, atuando principalmente nos seguintes temas: política pública, formação, alfabetização e currículo. Participante do programa Cientista do Nosso Estado (CNE) da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj, 2021). Coordena o grupo de pesquisa Educação Infantil e políticas públicas (Eipp). E-mail: maria.f.nunes@unirio.br.

Maria Lídia Bueno Fernandes

Geógrafa. Docente do curso de pedagogia e professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB). Líder do Grupo de Pesquisa Sujeitos, Territórios e a Construção do Conhecimento (GPS). Integrante da Rede latino-americana de pesquisa e reflexão com crianças e jovens (Reir). Trabalha com temas relacionados à geografia da infância e da juventude. E-mail: lidia_f@uol.com.br.

Marina Pereira de Castro e Souza

Professora adjunta do Departamento de Formação de Professores, na área de educação infantil, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente é vice coordenadora do grupo de pesquisa Educação Infantil e Políticas Públicas (Eipp), na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Pesquisa os seguintes temas: educação inclusiva, medicalização e estudos da deficiência. Integrante da Rede Nacional de Pesquisas em Saúde Mental de Crianças e Adolescentes (Rede Pq-SMCA). E-mail: mpcastros@yahoo.com.br.

Mayra Silva dos Santos

Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Pós-graduanda em educação especial com ênfase em educação inclusiva pelo Instituto Federal de Minas Gerais (IFMG). Integrante e pesquisadora dos grupos de pesquisa Infâncias e Feminismos (Infemis) e Educação e Relações Étnico-Raciais, da UFSCar. Suas pesquisas estão relacionadas à formação e trabalho docente, raça e gênero. E-mail: mayra.silva9152@gmail.com.

Nazareth Salutto

Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense. Coordenadora do Programa de Extensão Educação Infantil: infância, formação e sociedade. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Infância, Bebês e Crianças (Gerar). E-mail: nazarethssalutto@gmail.com.

Rafaelli Norberto Grégio

Graduada em pedagogia e mestre em educação pela Universidade Federal do Acre (Ufac). Já atuou como professora substituta da Ufac. Professora da educação infantil há 15 anos. E-mail: rafaelligregioac@gmail.com.

Rhaisa Naiade Pael Farias

Doutora em educação pela Universidade de Brasília (UnB). Participou do Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) na Queensland University of Technology. Tem pós-graduação lato sensu em docência na educação infantil e graduação em pedagogia com habilitação em educação infantil pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atualmente é docente no curso de pedagogia na modalidade a distância do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB) e professora substituta na UnB. E-mail: rhaisapael@yahoo.com.br.

Taís Aparecida de Moura

Docente efetiva do Departamento de Educação (Deduc) da Universidade do Estado de Minas Gerais (Uemg). Coordenadora do Grupo de Investigação de Infâncias e Linguagens (Giil/Uemg) e pesquisadora em nível de pós-doutorado em artes na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj), cuja pesquisa versa a respeito das visualidades e processos estéticos das salas de aula de alfabetização. E-mail:tais.moura@uemg.br.

Vanessa Medianeira da Silva Flôres

Pedagoga. Especialista em gestão educacional e docência na educação infantil. Mestra em educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Doutoranda em educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Integrante e pesquisadora dos grupos de pesquisa Infâncias e Feminismo (Infemis), da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infâncias e Educação Infantil, da UFPR. Suas pesquisas estão relacionadas a gênero e infâncias, educação infantil, práticas pedagógicas e relações étnico-raciais. Professora da Rede Municipal de Educação de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. E-mail: vanessaf.educ@gmail.com.

Viviane Fernandes Faria Pinto

Doutora em educação, mestre em processos de desenvolvimento humano e saúde, especialista em desenvolvimento psicológico e inclusão escolar e graduada em pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB). Foi assessora pedagógica em projetos de formação inicial de professores do Ministério da Educação (MEC), orientadora educacional da Secretaria de Educação do Distrito Federal e pesquisadora do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Atualmente é professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. E-mail: viviane.educ@gmail.com.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

EDUCAÇÃO INFANTIL EM DIÁLOGO

Pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância

Educação Infantil em diálogo: pesquisas e olhares a partir dos estudos sociais da infância é uma coletânea composta por textos de pesquisadoras e pesquisadores de diversas regiões do Brasil, que têm constituído o campo de estudos da infância, articulando uma teia científica preocupada com as crianças e a infância contemporânea. Parte dessa teia tem sido tecida no âmbito das pesquisas realizadas pelo Grupo de Estudos e Pesquisa sobre os Estudos Sociais da Infância (GEPESI/UnB), da Universidade de Brasília, e dos diálogos que o grupo têm travado com diferentes áreas do conhecimento humano e seus pesquisadores, tendo como eixo central também as crianças (sujeitos históricos, atores sociais, produtoras e participantes ativos na cultura) e a pluralidade da infância. Assim, o livro busca reunir contribuições teóricas e metodológicas que permitam pesquisadores, estudiosos e profissionais que atuam com a infância, em especial na educação delas, de forma a ampliar olhares, saberes e instigar novos "quereres" por assim dizer no trabalho com as crianças pequenas. Almejamos proporcionar ao leitor reflexões e provocações, por meio de um pensamento dialético e complexo, que questionem nossas práticas, que revejam nossas posturas, que nos inspirem na realização de nossas pesquisas e principalmente que nos permita abrir possibilidades para conhecer e nos relacionarmos de forma mais respeitosa e potente com as crianças.

EDITORA UnB

Pesquisa, Inovação & Ousadia